

# Emancipação feminina e novos arranjos familiares nas Regiões Metropolitanas brasileiras entre as décadas de 1990 e 2000

Lúcia Garcia\*

Patrícia Lino Costa\*\*

Mario Marcos Sampaio Rodarte\*\*\*

## Resumo

Este estudo objetiva, primeiramente, analisar as mudanças nos arranjos familiares mediante estudo de aspectos tais como tamanho das unidades, idade do chefe ou responsável pela família e classificação dos membros não-chefes nas principais áreas metropolitanas brasileiras. Na sequência, estudam-se as mudanças de comportamento de cada tipo familiar, em termos de renda e número de membros, no passado recente. Um terceiro aspecto tratado refere-se à mudança do perfil de contribuição de cada membro na renda familiar. Como resultado, além da descrição das mudanças dos arranjos familiares, destaca-se a constatação de que nem a entrada da mulher e demais integrantes da família no mercado de trabalho, nem a redução de dependentes foram suficientes para conter a diminuição da renda per capita das famílias nos últimos anos.

**Palavras-chave:** emancipação feminina, composição da família, tamanho da família, renda familiar.

## Abstract

*This paper aims, firstly, to analyze the changes in the family arrangements by studying aspects such as units size, age of the head of the family, and classification of the other family members in the main Brazilian metropolitan areas. Secondly, it studies the changes in the behavior of each family type in terms of income and number of members, in a recent past. A third aspect we dealt with, refers to the change in the contribution profile of each member in the family income. Therefore, besides describing changes in family arrangements, we highlighted the evidence that neither the entrance of women and other family members in the labor market, nor the reduction in the number of dependents were enough to prevent the per capita income decrease of the families during the last years.*

**Key words:** emancipation of women, family types, family size, family income

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a nova inserção da mulher na família e as mudanças de arranjos domiciliares em curso, entre meados das décadas de 1990 e 2000, em seis regiões metropolitanas brasileiras. Arranjos menos tradicionais vêm elevando a representação, à

medida que o tradicional modelo de família composta por casal com filhos, sob chefia masculina, vem perdendo espaço. Observou-se crescimento do número de famílias sem filhos, de famílias com filhos, mas sem a presença do cônjuge, e mesmo a opção de viver só.

Outra alteração está associada ao aumento de mulheres que se declaram chefes de família, principalmente no caso do arranjo mais tradicional – casal com filhos –, indicando mudança também no comportamento social e nos papéis da família, na qual, tradicionalmente, o homem se identifica como chefe. Estas transformações refletem-se na composição da renda familiar, com aumento da participação da renda feminina, dos jovens e dos demais membros.

\* Economista e coordenadora nacional do Sistema PED pelo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. [lucia@dieese.org.br](mailto:lucia@dieese.org.br)

\*\* Mestre em economia pela UNICAMP e técnica do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

\*\*\* Doutorando em Demografia (Cedeplar/UFMG) e mestre em Economia (Cedeplar/UFMG). [mario@dieese.org.br](mailto:mario@dieese.org.br)

As alterações na composição da família e da renda resultam das várias transformações econômicas e sociais e, quase sempre, estão intimamente associadas ao novo papel da mulher na sociedade. Nos últimos 20 anos, assiste-se ao maior engajamento feminino na força de trabalho. O maior acesso feminino à escola e, principalmente, ao terceiro grau e a decisão de ter menos filhos, auxiliada pelo avanço nos métodos contraceptivos, explicam, em parte, esses novos arranjos.

Outro aspecto a considerar decorre da crise do mercado de trabalho, agravada na década de 1990, que implicou em elevadas taxas de desemprego e contínua redução do poder aquisitivo da renda do trabalho e do salário. A diminuição da renda familiar, decorrente dessa crise, fez com que um número maior de pessoas ingressasse no mercado de trabalho, como forma de manter o padrão de vida familiar. Mulheres, antes inativas, ingressaram no mercado de trabalho para incrementar a renda familiar, muitas vezes combinando as novas funções fora de casa com as funções tradicionalmente reservadas às mulheres dentro do lar.

A metodologia utilizada neste estudo considera quatro tipos de organização familiar, assim definidos: 1) nuclear com filhos: famílias compostas por um casal e filhos; 2) nuclear sem filhos: famílias compostas por um casal sem filhos; 3) monoparental: famílias compostas por um chefe sem cônjuge e com filhos; e 4) unipessoal: pessoas que moram sozinhas. Uma vez que se considera a emancipação feminina o elemento decisivo para o entendimento das mudanças dos arranjos familiares, os indicadores familiares foram especificados segundo sexo do chefe.

Os indicadores referidos para cinco regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo), além do Distrito Federal, foram extraídos da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo convênio do DIEESE com a Fundação SEADE, MTE-FAT e entidades locais nos respectivos estados.

A análise é apresentada em três seções. A primeira expõe as mudanças na composição dos arranjos familiares ao longo do tempo. A segunda parte encarrega-se de descrever as transformações internas de cada tipo de família, no período de estudo. Na sequência, o último item atém-se à mudança do perfil de contribuição de cada membro na renda familiar.

## MULHER, FAMÍLIA E MERCADO DE TRABALHO

A entrada da mulher no mercado de trabalho é um elemento chave na compreensão das rápidas mudanças das famílias, entre outros fatores, por afetar: 1) seu tamanho – pela decorrente alteração do comportamento da fecundidade; 2) sua hierarquia social interna – pela desintegração do papel de provedor, reservado ao elemento masculino adulto, e feminização de parte das fontes da renda familiar; e 3) pela aceleração da dinâmica de formação e desintegração<sup>1</sup> de laços familiares – pela maior autonomia feminina promovida pelos frutos de sua ocupação.

A função do ambiente econômico sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho é controvertida, pois enquanto alguns estudos ressaltam o papel das crises econômicas como fator de motivação do ingresso feminino na força de trabalho,<sup>2</sup> antes inativas; outros apontam o aumento das chances de inserção feminina (MONTALI, 2003) – pela flexibilização de jornada de trabalho, a exigência de maior nível de instrução, combinando com o perfil mais escolarizado do segmento feminino – como o fator mais importante para a incorporação feminina no mercado.<sup>3</sup>

Nos anos 90 do século passado, é provável que crise<sup>4</sup> e oportunidade de inserção tenham-se alternado no estímulo à inserção feminina, determinando um comportamento ascendente da taxa de participação das mulheres em todas as regiões metropolitanas analisadas pela PED, enquanto que o mesmo indicador mantinha-se relativamente estável entre os homens.

A abordagem que considera os comportamentos de coortes – ou de diferentes gerações – sugerem que o processo de incorporação da mulher no mercado de trabalho perdurará anos, e décadas, até se chegar a um cenário mais igualitário entre sexos, ao menos quanto à proporção de inativos e população economicamente ativa (WAJNMAN; RIOS-NETO, 2000). Dessa forma, admitida a relação entre eman-

<sup>1</sup> Deve-se considerar outros fatores intervenientes, como a legalização do divórcio em 1978 (MELO, 2006, p. 21).

<sup>2</sup> O fato da não redução da taxa de participação dos cônjuges quando o desemprego arrefece seria um dos indícios apontados por Melo (2006) para o efeito duradouro da crise na inserção feminina no mercado de trabalho.

<sup>3</sup> Em Bruschini (2000), trabalhou-se a relação entre reestruturação produtiva e as mudanças da divisão sexual do trabalho nas empresas e organizações.

<sup>4</sup> O impacto da crise econômica sobre diversos segmentos do mercado de trabalho foi tratado no Departamento..., (2001).

cipação feminina e as transformações da família já evidenciadas no passado recente, deve-se supor que tais processos prosseguirão no futuro.

## MUDANÇAS DE COMPOSIÇÃO DAS FAMÍLIAS

Dois tipos de famílias se destacam pelas proporções que assumem nas áreas metropolitanas brasileiras: a família constituída pelo casal e seus filhos, tendo o homem como chefe; e a família formada pela mãe e seus filhos, sem a presença do cônjuge. Pelas informações da PED constatou-se que, no período formado pelos três últimos anos, a família nuclear com filhos e chefia masculina respondia por cerca de metade das famílias nas áreas metropolitanas pesquisadas, variando en-

**Dois tipos de famílias se destacam pelas proporções que assumem nas áreas metropolitanas brasileiras: a família constituída pelo casal e seus filhos, tendo o homem como chefe; e a família formada pela mãe e seus filhos, sem a presença do cônjuge**

tre 51,7% na Região Metropolitana (RM) de São Paulo e 44,5% na RM do Recife. A ocorrência de famílias monoparentais femininas, por sua vez, oscilava entre 21,9%, no caso da Grande Recife, e 15,7% na RM de Porto Alegre (Tabela 1).

Esse quadro, sobretudo, tem resultado de um processo de mudanças acentuadamente dinâmico, no qual o padrão tradicional de organização familiar, embora dominante, perde representatividade rapidamente. Desse modo, registre-se que, mesmo no curto período a que se restringe este estudo, nas cinco regiões metropolitanas com disponibilidade de dados, a família nuclear com filhos com chefia masculina, ainda predominante, foi a única forma de organização familiar a perder peso relativo. Na região metropolitana da capital de Minas Gerais,

onde essa forma era a mais típica entre as cinco regiões pesquisadas, seu peso reduziu de 55,8%, para 50,2%, entre os triênios de 1998-2000 e 2003-2005.

Ainda no comparativo entre regiões metropolitanas, notou-se que a família monoparental feminina – o segundo tipo mais freqüente nas cinco regiões pesquisadas – ampliou sua representatividade em todos os casos analisados, sendo o caso da Grande Recife, que passou de 19,9% para 21,9%, entre os triênios, o exemplo mais conspícuo; e da RM de Salvador, o mais contido, ao elevar de 19,7% para 20,9%, no período estudado.

**Tabela 1**

**Distribuição das famílias segundo tipologia de arranjo familiar  
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1998/1999/2000 e 2003/2004/2005**  
(em %)

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal					
	Belo Horizonte 98/99/00	Horizonte 03/04/05	Distrito Federal 98/99/00	Federal 03/04/05	Porto Alegre 98/99/00	Alegre 03/04/05
Total	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0
Unipessoal feminina	4,4	5,8	-	5,3	7,1	8,3
Unipessoal masculina	3,9	5,3	-	5,3	4,8	5,7
Monoparental feminina (1)	17,2	18,6	-	20,4	14,2	15,7
Monoparental masculina (2)	1,9	2,2	-	1,8	1,8	2,0
Nuclear chefia feminina com filhos (3)	0,9	1,0	-	1,3	0,5	0,9
Nuclear chefia masculina com filhos (4)	55,8	50,2	-	49,1	51,6	46,5
Nuclear chefia feminina s/ filhos (5)	0,3	0,3	-	0,3	0,4	0,5
Nuclear chefia masculina s/ filhos (6)	10,0	10,9	-	10,9	15,6	16,1
Outros	5,6	5,8	-	5,6	4,0	4,3

Arranjos Familiares	Recife		Salvador		São Paulo	
	98/99/00	03/04/05	98/99/00	03/04/05	98/99/00	03/04/05
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Unipessoal feminina	3,9	4,6	4,8	5,5	5,1	5,7
Unipessoal masculina	3,3	3,7	5,8	6,8	4,6	4,9
Monoparental feminina (1)	19,9	21,9	19,7	20,9	13,9	15,8
Monoparental masculina (2)	2,1	2,3	2,4	2,4	1,8	1,8
Nuclear chefia feminina com filhos (3)	1,0	1,7	1,1	2,0	0,9	1,3
Nuclear chefia masculina com filhos (4)	54,4	49,4	49,5	44,5	54,7	51,7
Nuclear chefia feminina s/ filhos (5)	0,3	0,5	0,4	0,6	0,3	0,5
Nuclear chefia masculina s/ filhos (6)	10,7	11,3	9,7	10,6	13,3	13,4
Outros	4,4	4,7	6,6	6,7	5,4	4,9

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

(1) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.

(2) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.

(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.

(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.

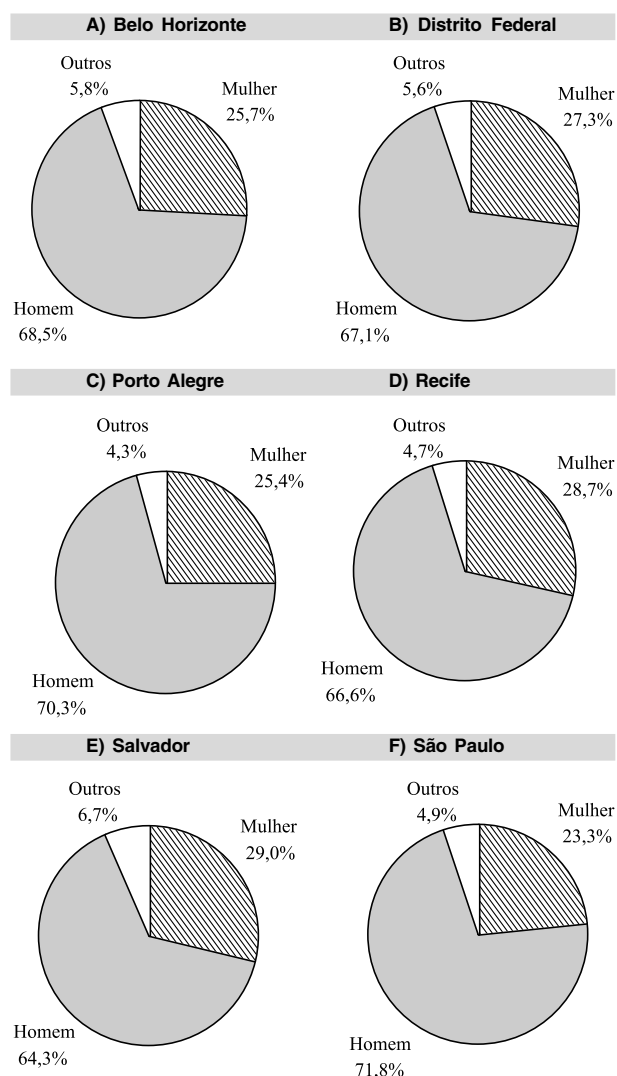
(5) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.

(6) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

Obs: Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculino, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes.

O crescimento observado das famílias monoparentais, secundado pelo incremento de outros arranjos familiares de chefia feminina, entre os dois triênios analisados, fez com que, no quadro atual, as mulheres já respondessem pela condução de cerca de  $\frac{1}{4}$  das famílias nas regiões metropolitanas brasileiras. Pelo Gráfico 1, apurou-se que o número de famílias tendo a mulher à frente, quer como chefes em famílias com duas ou mais pessoas, quer como moradoras desacompanhadas em um domicílio, em famílias unipessoais femininas, variou entre 23,3%, na Grande São Paulo, e 29,0%, na RM de Salvador, no último triênio 2003-2005.

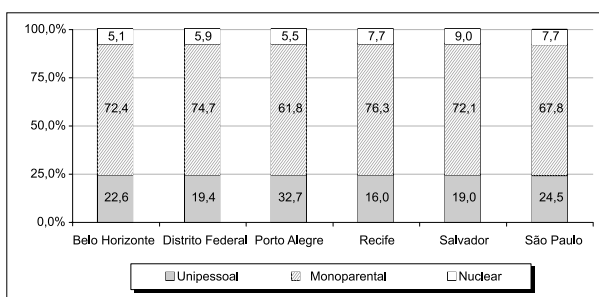
**Gráfico 1**  
**Distribuição das famílias segundo sexo do chefe**  
**Regiões Metropolitanas, 2003/2004/2005**



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Elaboração própria

**Gráfico 2**

**Distribuição das famílias de chefia feminina segundo tipologia de arranjo familiar**  
**Regiões Metropolitanas, 2003/2004/2005**

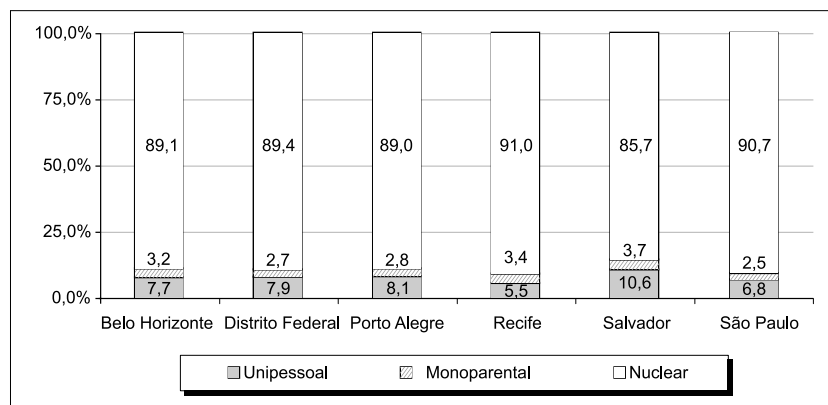


Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego (vide Tabela 1). Elaboração própria

Pelo Gráfico 2 observa-se ainda que, depois do monoparentalismo, a família unipessoal constituía a segunda forma mais frequente entre as famílias sob responsabilidade feminina. Por outro lado, a ocorrência de famílias chefiadas por mulheres com a presença do cônjuge ficava abaixo de 10% em todas as regiões analisadas, no triênio 2003-2005. Apesar da tipologia de composição de chefia feminina não se diferenciar muito entre essas áreas metropolitanas, algumas particularidades podem ser apontadas: Na RM do Recife predominavam as de tipo monoparental (76,3%), enquanto na Grande Porto Alegre, a proporção de famílias unipessoais sobressaía relativamente às demais áreas pesquisadas (32,7%). Na RM de Salvador, por sua vez, destacava-se o percentual de famílias nucleares chefiadas por mulheres (9,0%).

Nas famílias em que os homens estavam à frente, os tipos familiares nucleares eram majoritários, respondendo por cerca de 90% dos casos nas seis regiões pesquisadas. Neste sentido, destacaram-se as áreas metropolitanas do Recife e de São Paulo, nas quais este percentual era de 91,0% e 90,7%, respectivamente. Na RM de Salvador, por sua vez, havia uma presença comparativamente maior de famílias unipessoais (10,6%) e monoparentais (3,7%) (Gráfico 3).

Do quadro apresentado sobre as mudanças na composição das famílias e chefia familiar depreende-se que, de modo geral, as mulheres tinham maior propensão a gerir famílias sozinhas, enquanto os homens tendiam a chefiar famílias com o auxílio de seu cônjuge.

**Gráfico 3****Distribuição das famílias de chefia masculina segundo tipologia de arranjo familiar  
Regiões Metropolitanas, 2003/2004/2005**

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/Seade/MTE-FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego (vide Tabela 1). Elaboração própria

**TRANSFORMAÇÕES DOS SEGMENTOS DE FAMÍLIAS****Famílias nucleares**

Em todas as regiões analisadas, observou-se que o rendimento médio das famílias nucleares com filhos superava o auferido em todas as demais modalidades de organização familiar (Tabela 4). Esse fato estaria relacionado, primeiramente, à contribuição de um número maior de pessoas na renda total da família, uma vez que se constituem de arranjos com maior dimensão em relação aos demais tipos familiares. Outros fatores poderiam contribuir eventualmente para o maior rendimento familiar das organizações nucleares com filhos, como a idade madura dos chefes e cônjuges, geralmente correspondente ao momento da carreira profissional dos indivíduos em que os rendimentos tendem a ser maiores.

Assim como na questão dos rendimentos serem mais elevados, a família nuclear com filhos está associada, por definição, a um número maior de dependentes, como os filhos de menor idade. No triênio 2003-2005, o número médio de pessoas nas famílias nucleares com filhos foi ligeiramente inferior para aquelas com chefia masculina do que com chefia feminina, mas ambos eram bastante superiores à média de todos os tipos de famílias, em todas as regiões analisadas.

Desse modo, a renda *per capita* das famílias nucleares com filhos era menor que a média do total das famílias, uma vez que a renda total dessas famílias era dividida por um número maior de membros do que nos outros arranjos familiares. Nas regiões de Belo Horizonte, Distrito Federal, Recife e São Paulo, isso era particularmente mais grave nas famílias nucleares com filhos de chefia feminina, pois, nesses casos, um número maior de membros combinava com uma renda familiar menor do que no caso da

chefia masculina.

Quando se compara o triênio de 1998/2000, percebe-se um declínio na quantidade média de pessoas em decorrência, entre outros motivos, da redução da fecundidade. Entretanto, essa redução não foi suficiente para compensar a diminuição da renda total das famílias, o que resultou em uma renda disponível por membro mais baixa (Tabela 2).

As famílias nucleares sem filhos com chefia masculina apresentaram rendimento médio levemente maior que a média de renda familiar na Grande Recife (R\$ 909 contra R\$ 887, respectivamente), inferior, no entanto, à renda das famílias nucleares com filhos (R\$ 1.033, com chefia masculina, e R\$ 974, com chefia feminina) e à renda das famílias monoparentais masculinas (R\$ 974) (Tabela 4 – anexo estatístico). Tais diferenças sugerem a associação da renda desse arranjo familiar com a renda do trabalho dos jovens em início de carreira, e no outro extremo, dos idosos.

Entre os dois triênios analisados, a renda desse tipo de família com chefia masculina na RM de Recife declinou 25,4%, passando de R\$ 1.218 para R\$ 909. Como não houve decréscimo expressivo no número de pessoas na família, uma vez que essas famílias tendem a contar apenas com o casal (2,2 pessoas no último triênio), a retração da renda per capita foi semelhante à redução da renda total da família (24,7%) (Tabela 2).

**Tabela 2**

**Variação do rendimento médio familiar<sup>1</sup> e rendimento médio familiar per capita<sup>2</sup> segundo tipologia de arranjo familiar entre os triênios de 1998/1999/2000 e 2003/2004/2005**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal**

(em %)

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal					
	Nº médio de pessoas	Belo Horizonte Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Distrito Federal Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	-9,4	-13,7	-4,7	-	-	-
Unipessoal feminina	0,0	-0,7	-0,7	-	-	-
Unipessoal masculina	0,0	3,9	3,9	-	-	-
Monoparental feminina (3)	-7,8	-16,5	-9,4	-	-	-
Monoparental masculina (4)	-6,6	-11,4	-5,1	-	-	-
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	-9,1	-18,6	-10,4	-	-	-
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	-4,2	-11,6	-7,7	-	-	-
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	-3,6	(9)	(9)	-	-	-
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	1,4	-7,9	-9,2	-	-	-
Outros	-4,4	-15,2	-11,2	-	-	-

Arranjos Familiares	Recife					
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Salvador Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	-6,7	-28,8	-23,7	-7,7	-15,2	-8,1
Unipessoal feminina	0,0	-23,1	-23,1	0,0	-12,0	-12,0
Unipessoal masculina	0,0	-29,2	-29,2	0,0	-13,1	-13,1
Monoparental feminina (3)	-5,1	-22,3	-18,1	-6,4	-12,4	-6,4
Monoparental masculina (4)	-7,5	-18,0	-11,4	-8,1	-12,7	-5,0
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	-3,5	-28,4	-25,8	-4,8	-19,7	15,6
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	-4,8	-29,5	-26,0	-5,9	-14,4	-8,9
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	-2,8	(9)	(9)	-4,7	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	-0,9	-25,4	-24,7	-2,2	-16,2	-14,2
Outros	-2,1	-25,8	-24,2	-1,4	-11,0	-9,7

Arranjos Familiares	Porto Alegre					
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	São Paulo Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	-4,7	-12,9	-8,6	-3,8	-23,4	-20,3
Unipessoal feminina	0,0	-5,4	-5,4	0,0	-19,4	-19,4
Unipessoal masculina	0,0	-10,1	-10,1	0,0	-26,1	-26,1
Monoparental feminina (3)	-2,2	-9,9	-7,9	-3,7	-21,7	-18,6
Monoparental masculina (4)	-3,2	-17,7	-15,0	-6,8	-30,0	-24,9
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	-4,0	-9,2	-5,4	-5,1	-18,7	-14,3
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	-2,2	-12,3	-10,3	-2,4	-23,2	-21,4
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	1,9	(9)	(9)	2,8	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	0,0	-8,5	-8,5	-0,9	-18,6	-17,8
Outros	-2,4	-15,4	-13,3	-3,0	-19,3	-16,7

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento médio familiar consiste na média de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).

<sup>2</sup> Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família. Inflatores utilizados: IPCA-BH/IPEA, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SE/BA, ICV-DIEESE/SP

(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.

(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.

(5) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.

(6) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.

(7) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.

(8) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

(9) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Nota: 1. Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculina, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes.

Elaboração: Própria

## Famílias monoparentais

A diferença de renda e tamanho das famílias monoparentais segundo o sexo do chefe são análogas às encontradas nas famílias nucleares com filhos.

Assim, a renda média mensal das famílias monoparentais masculinas superou a das chefiadas por mulheres em todas as regiões analisadas (Tabela 4). Ainda, no triênio 2003-2005, o rendimento médio mensal das famílias monoparentais femininas corres-

pondeu a 72,5% do auferido pelos agrupamentos monoparentais masculinos na RM do Recife. Este diferencial, por seu turno, assumiu menor dimensão em Porto Alegre, onde era de 76,8% a proporção da renda familiar dos arranjos compostos por mãe e filhos relativamente ao dos que contavam com pai e filhos.

Em relação ao dimensionamento, ainda pela Tabela 4, verifica-se que as famílias monoparentais femininas eram ligeiramente maiores do que as masculinas, refletindo um maior número de dependentes. Entre 2003-2005, o tamanho médio das famílias monoparentais chefiadas por mulheres variava entre 3,2 pessoas, em Porto Alegre, e 3,8 nas regiões metropolitanas de Recife e de Salvador, ao passo em que naquelas chefiadas por homens oscilava entre 3,1 pessoas, em Porto Alegre, e 3,6 na área metropolitana da capital pernambucana.

Com renda menor e maior número de dependentes, a situação de famílias chefiadas por mulheres e com filhos se converte na mais vulnerável de todas as tipologias, o que é traduzido pelos menores patamares de rendimentos per capita familiar. No triênio 2003-2005, verifica-se que a renda familiar per capita dos arranjos compostos por mãe e filhos se situou entre R\$ 191, na RM do Recife, e R\$ 440, no Distrito Federal (Tabela 4).

Em relação ao triênio 1998-2000, os rendimentos médios das famílias monoparentais sofreram retração. Na RM de Recife, as perdas foram de 22,3%, nas famílias com chefias femininas e 18,0%, nas de chefias masculinas. Analogamente às famílias formadas por casais com filhos, a redução de rendimentos prevaleceu sobre a redução do número médio de pessoas, fazendo com que se reduzisse o rendimento disponível por membro da família (Tabela 2).

## Famílias unipessoais

Pela ausência de dependentes, em média, as pessoas que moram sozinhas gozavam de melhores condições de vida que os integrantes de outros tipos de famílias, por contarem com maior renda disponível. Contribui também para este quadro o fato dessas pessoas estarem concentradas nas faixas de idade mais produtivas e, via de regra, no auge das suas vidas profissionais.

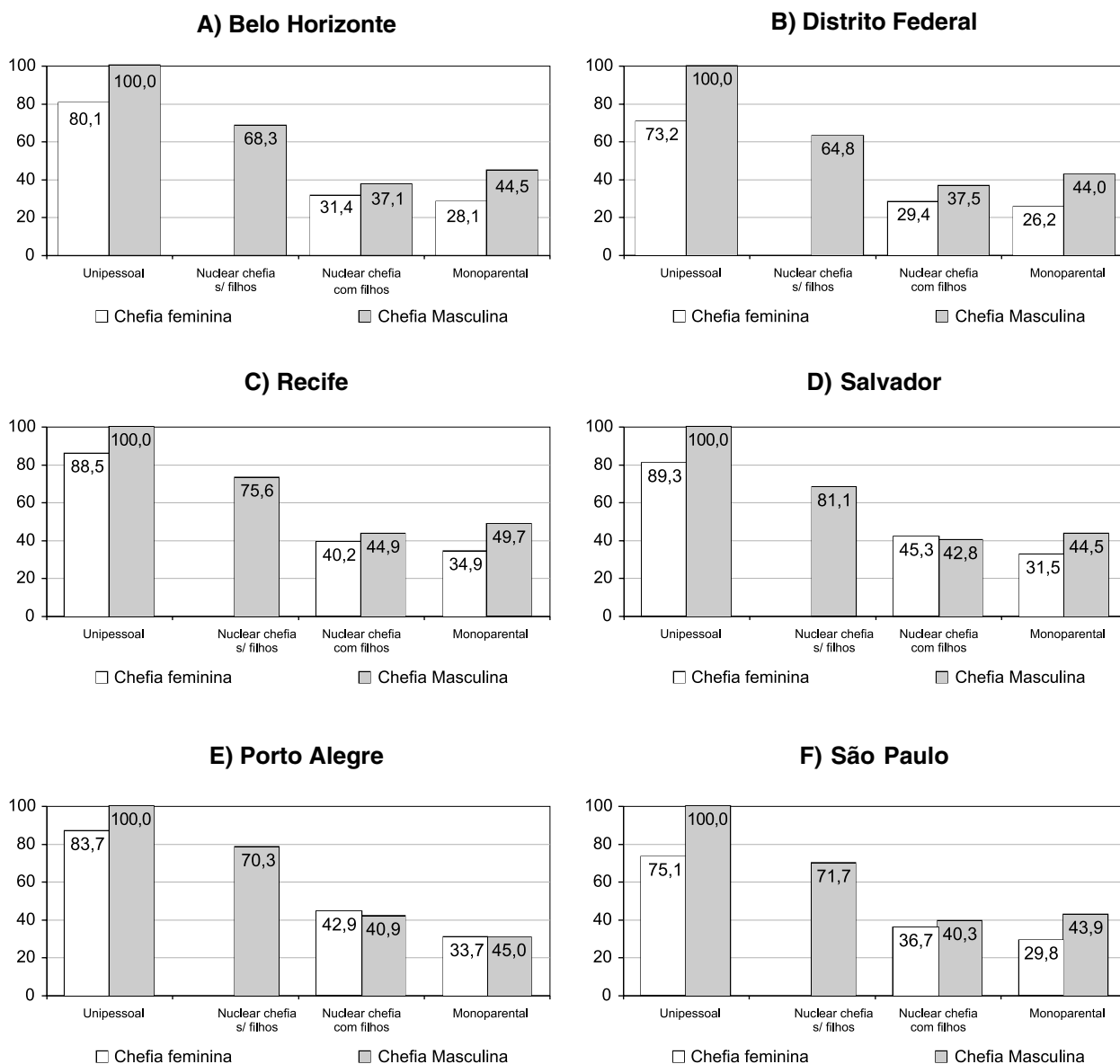
Expressando estas características, o rendimento dos arranjos unipessoais femininos girava em torno do dobro do rendimento médio per capita do total das famílias das áreas pesquisadas. Na RM do Recife, as mulheres que moravam sozinhas recebiam R\$ 483, enquanto o rendimento familiar médio per capita encontrava-se em R\$ 255 (Tabela 4). Na Grande São Paulo, por sua vez, enquanto o rendimento médio da família unipessoal feminina era 73,8% superior à renda média per capita, o rendimento per capita da família monoparental feminina era pouco mais de dois terços (68,7%) do rendimento médio per capita.

Em todas as regiões metropolitanas pesquisadas, porém, o rendimento das mulheres que moravam sozinhas era inferior ao dos homens que viviam em igual situação, nos últimos três anos (Gráfico 4). Na RM de Salvador, onde as rendas das famílias unipessoais masculinas e femininas mais se aproximavam, o rendimento das mulheres equivalia a 89,3% do rendimento percebido pelos homens, mas no Distrito Federal, entretanto, as mulheres recebiam apenas 73,2% do rendimento dos homens.

**Com renda menor e maior número de dependentes, a situação de famílias chefiadas por mulheres e com filhos se converte na mais vulnerável de todas as tipologias, o que é traduzido pelos menores patamares de rendimentos per capita familiar**

**Gráfico 4****Índice do rendimento per capita segundo tipo de família e sexo do seu chefe**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 2003/2004/2005**

(Rendimento da família unipessoal masculina = 100)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego (Tabela 4)  
Elaboração própria

**A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES NA RENDA FAMILIAR****Família nuclear com filhos**

A proporção de famílias chefiadas por mulheres nas áreas metropolitanas brasileiras é crescente, sendo uma das expressões mais evidentes das mu-

danças do papel feminino na sociedade. Esta situação, porém, não esgota a ampliação das funções assumidas pelas mulheres na organização familiar, uma vez que sua contribuição na manutenção dos lares visivelmente aumenta, mesmo quando elas ocupam posições de cônjuges em famílias mais tradicionais baseadas em relações nucleares com chefia masculina.



No triênio 2003-2005, a composição da renda nas famílias nucleares chefiadas por homens indicou que, em todas as regiões analisadas, mais de 63% da renda tinha origem no trabalho do chefe, enquanto os cônjuges contribuíram com cerca de 20% desta renda. Na Grande Porto Alegre, esse percentual atingiu 22,5%, sendo essa a região com a maior contribuição do trabalho feminino na renda familiar (Tabela 6).

Ao comparar as famílias com chefias masculinas aos lares chefiados por mulheres, pela mesma Tabela 6, pode-se observar que nesse último a contribuição de cada membro na renda doméstica ocorre de uma maneira mais equilibrada, refletindo a maior inserção dos homens no mercado de trabalho, mesmo enquanto cônjuges. Na Grande Recife, assim como nas regiões metropolitanas de Salvador e de Porto Alegre, a participação do cônjuge masculino era um pouco maior que a da mulher chefe. O contrário era apresentado na Grande Belo Horizonte e no Distrito Federal, onde a participação da mulher chefe no orçamento doméstico superava a do homem.

Entre os dois triênios analisados, observou-se aumento da participação da renda das mulheres, seja no papel de cônjuge, seja como filha, em todas as regiões pesquisadas. Na RM de Recife, por exemplo, enquanto a participação dos homens havia retraído (de 68,3% para 67,0%, no caso dos chefes, e de 6,8% para 6,6%, no caso dos filhos), a das mulheres aumentou, tanto para esposas (de 18,1% para 18,6%) como para filhas (de 4,5% para 4,9%) (Tabela 5 e Tabela 6 – anexo estatístico).

### **Famílias monoparentais**

Na família monoparental feminina, a contribuição dada pelos filhos chegou a ser superior a 1/3 nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Recife (Tabela 8), enquanto nas monoparentais masculinas, a participação da renda do chefe na manutenção familiar superou os 65,0% em todas

as áreas investigadas. O fato de a maior participação de outros membros da família no orçamento doméstico não resultar em patamares relativamente mais elevados dos agrupamentos monoparentais femininos, se comparados aos masculinos, sugere a inserção mais vulnerável no mercado de trabalho por parte de seus membros. Mais grave ainda, a entrada prematura de filhos no mercado de trabalho para garantir a manutenção do grupo familiar, implica, muitas vezes, no abandono dos estudos ou na difícil tentativa de conciliar escola e trabalho. Esta situação, necessariamente, diminui a qualidade da formação deste jovem e compromete sua vida profissional futura.

Em todas as regiões analisadas, observou-se crescimento da participação do chefe nas famílias monoparentais femininas, entre os dois triênios analisados. Na

Grande Belo Horizonte, por exemplo, a participação do chefe na renda familiar saltou de 53,6% para 59,5%, entre os períodos 1998-2000 e 2003-2000 (Tabela 7 e Tabela 8 – anexo estatístico).

A composição da renda familiar variava conforme a faixa etária da mulher chefe de família, conforme mostra a Tabela 9, no anexo estatístico. Em todas as regiões pesquisadas pela PED, a renda familiar era quase que integralmente adquirida pelas chefes, quando estas tinham até 34 anos, sendo que na RM do Recife as chefes respondiam por 81,5%. Pelo fato da maioria dos filhos encontrarem-se abaixo dos 10 anos nesse segmento familiar, a contribuição dos filhos era residual.

Para aquelas mulheres com idade entre 35 e 49 anos, registrou-se um aumento da participação do rendimento dos filhos e diminuição do peso do rendimento das mulheres. Dessa forma, a maior parcela da renda familiar continuava sendo fruto do trabalho dos chefes, variando entre 76,2% (Distrito Federal) e 64,8% (Recife).

As mães chefes conseguiam ter uma ajuda relativamente maior quando encontravam-se na faixa etária de 50 anos e mais, ainda pela Tabela 9. Nesse

**A proporção de famílias chefiadas por mulheres nas áreas metropolitanas brasileiras é crescente, sendo uma das expressões mais evidentes das mudanças do papel feminino na sociedade**

grupo de famílias, a participação dos filhos chegava a ser maior que a das chefes na Grande São Paulo (51,8% e 42,3%, respectivamente). Esse fato pode ser explicado, de um lado, pela presença da aposentadoria como principal fonte de renda das chefes e, de outro lado, pelo incremento de renda dos filhos, que, com mais idade, estariam melhor posicionados no mercado de trabalho *vis-à-vis* as famílias com chefes mais jovens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas regiões metropolitanas brasileiras, está em curso um processo profundo e célere de mudanças no padrão de arranjo familiar, que guarda íntima relação com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Mais e mais, ao menos em alguma fase de suas vidas, mulheres optam por morar só, ou mesmo constituir uma família com seus filhos, sem a presença do cônjuge. Ao lado disso, o modelo de família de chefia masculina com filhos vai pouco a pouco deixando de ser o modelo predominante e emblemático de organização familiar brasileira.

Ainda que de forma tímida, mesmo nas famílias fundadas por uma união nuclear, a mulher tem, crescentemente, se posicionado como chefe de família. A mudança causada pela emancipação feminina pode ser percebida mesmo nas famílias em que vige a forma mais tradicional de organização nuclear, com chefia masculina, uma vez que a contribuição da mulher, seja como cônjuge, seja como filha, no orçamento familiar, segue tendência de elevação, nos últimos oito anos.

O envolvimento feminino no mercado de trabalho e o seu maior papel desempenhado no lar estão relacionados, também, com o desejo de um número reduzido de filhos, que é concretizado pela diminuição da fecundidade, e tem como conseqüências a redução da razão de dependência e a diminuição do tamanho das famílias. Essa mudança, observada entre os dois triênios analisados, não gerou aumento do bem estar familiar pela maior renda disponível por membro,

pois, concomitante aos efeitos da menor fecundidade na dimensão da família, o mercado de trabalho entrou em uma grave crise, caracterizada tanto pela escalada do desemprego como também pela deterioração das condições de trabalho e renda, e que havia se tornado mais aguda na década passada.

A magnitude dessa crise atingiu tamanha proporção que nem a entrada da mulher e de mais integrantes da família no mercado de trabalho foram suficientes para conter a diminuição da renda per capita das famílias, apesar de terem diminuído seus dependentes.

A análise da evolução dos componentes demográficos deslocam a preocupação para o problema imediato da flagrante situação de empobrecimento das famílias, pois o mesmo processo de redução

da fecundidade, que diminuiu a razão de dependência no presente, será responsável pelo seu aumento, no futuro, com o crescimento da parcela de pessoas na terceira idade na composição da pirâmide etária brasileira, nas próximas décadas.

Se o Estado dá indícios de se mostrar preocupado em lidar com esse quadro que se avizinha, ao propor reformas da previdência, também as famílias sentirão dificuldades em gerir, por recursos próprios, sua sobrevivência com um número maior e crescente de inativos, de sessenta anos e mais, uma vez que foram dilapidadas pelo longo processo de retração do rendimento per capita.

Com essas constatações, é forçoso focar atenção no comportamento das famílias, principalmente nas monoparentais de chefia feminina, pois nestas a estratégia privada de sobrevivência parece ser mais falha, sobretudo nas famílias mais jovens, onde a incorporação precoce dos filhos ao mundo do trabalho pode precarizar as condições de vida futura desta geração. Crescimento econômico com melhora do mercado de trabalho e equidade de gênero apresentaram-se como elementos capazes de mitigar, senão reverter, esse quadro negativo que, se intocado, tende a se agravar nos próximos anos.

**Na família monoparental feminina, a contribuição dada pelos filhos chegou a ser superior a 1/3 na regiões metropolitanas de São Paulo e do Recife (Tabela 8), enquanto nas monoparentais masculinas, a participação da renda do chefe na manutenção familiar superou os 65,0% em todas as áreas investigadas**

## REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência a discriminação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP; São Paulo: Editora 34, 2000. p.13-58.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. A situação do trabalho no Brasil. In: *As mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: DIEESE, 2001. p.103-126.

MELO, Frederico Luiz Barbosa de. *Trajetórias no mercado de trabalho: perfis socioocupacionais de indivíduos e casais da Grande São Paulo*. Tese (Doutorado) – UFMG; Cedeplar, Belo Horizonte, 2006.

MONTALI, Lília. Relação família-trabalho: reestruturação produtiva e desemprego. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.17, n. 2, p.123-135, abr./jun. 2003.

SOUZA, Laumar Neves de; RODARTE, Mario Marcos Sampaio; FILGUEIRAS, Luiz Antônio Mattos. *Gênero e mercado de trabalho na grande Salvador: um breve comparativo entre as décadas de 1980 e 90*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7., 2001, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 2001. p.1-22.

WAJNMAN, Simone; RIOS-NETO, Eduardo L. G. Quantas serão as mulheres: cenários para a atividade feminina. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP; São Paulo: Editora 34, 2000. p.59-84.

## ANEXO ESTATÍSTICO

Tabela 3

**Rendimento médio familiar<sup>1</sup> e rendimento médio familiar per capita<sup>2</sup> segundo tipologia de arranjo familiar**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1998/1999/2000**

(em %)

Arranjos Familiares	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal					
	Nº médio de pessoas	Belo Horizonte Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Distrito Federal Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,5	1.501	429	-	-	-
Unipessoal feminina	1,0	813	813	-	-	-
Unipessoal masculina	1,0	969	969	-	-	-
Monoparental feminina (3)	3,6	1.124	312	-	-	-
Monoparental masculina (4)	3,5	1.654	473	-	-	-
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,7	1.658	353	-	-	-
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,3	1.744	405	-	-	-
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,2	1.658	754	-	-	-
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.590	757	-	-	-
Outros	2,7	1.250	463	-	-	-

Arranjos Familiares	Recife			Salvador		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,7	1.246	334	3,6	1.428	395
Unipessoal feminina	1,0	629	629	1,0	804	804
Unipessoal masculina	1,0	771	771	1,0	911	911
Monoparental feminina (3)	3,9	909	233	3,9	1.034	264
Monoparental masculina (4)	3,9	1.188	306	3,7	1.377	371
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,6	1.361	296	4,8	2.028	425
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,4	1.465	332	4,5	1.690	372
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,5	(9)	(9)	2,3	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,2	1.218	549	2,2	1.671	749
Outros	2,9	1.141	396	2,8	1.292	461

Arranjos Familiares	Porto Alegre			São Paulo		
	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita	Nº médio de pessoas	Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,2	1.689	530	3,4	2.245	664
Unipessoal feminina	1,0	935	935	1,0	1.132	1.132
Unipessoal masculina	1,0	1.176	1.176	1,0	1.644	1.644
Monoparental feminina (3)	3,2	1.246	387	3,5	1.543	445
Monoparental masculina (4)	3,2	1.774	560	3,4	2.404	709
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,2	2.026	479	4,5	2.343	520
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,1	1.974	482	4,2	2.626	622
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,1	(9)	(9)	2,2	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.722	812	2,2	2.276	1.059
Outros	2,5	1.465	577	2,7	1.903	718

**Fonte:** Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento médio familiar consiste na média de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).

<sup>2</sup> Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família. Infatores utilizados: IPCA-BH/IEPA, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2005.

(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.

(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.

(5) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.

(6) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.

(7) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.

(8) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

(9) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Nota: 1. Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculina, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes.

Elaboração: própria

**Tabela 4****Rendimento médio familiar<sup>1</sup> e rendimento médio familiar per capita<sup>2</sup> segundo tipologia de arranjo familiar  
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 2003/2004/2005**

(em %)

Regiões Metropolitanas e Distrito Federal						
Arranjos Familiares	Nº médio de pessoas	Belo Horizonte		Nº médio de pessoas	Distrito Federal	
		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,2	1.295	409	3,3	2.174	655
Unipessoal feminina	1,0	807	807	1,0	1.229	1.229
Unipessoal masculina	1,0	1.008	1.008	1,0	1.680	1.680
Monoparental feminina (3)	3,3	939	283	3,4	1.500	440
Monoparental masculina (4)	3,3	1.466	448	3,3	2.400	738
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,3	1.350	316	4,4	2.177	494
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,1	1.541	374	4,2	2.653	630
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,1	(9)	(9)	2,3	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.465	688	2,2	2.394	1.088
Outros	2,6	1.061	411	2,6	1.716	650

Arranjos Familiares	Nº médio de pessoas	Recife		Nº médio de pessoas	Salvador	
		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,5	887	255	3,3	1.211	363
Unipessoal feminina	1,0	483	483	1,0	708	708
Unipessoal masculina	1,0	546	546	1,0	792	792
Monoparental feminina (3)	3,7	706	191	3,7	905	247
Monoparental masculina (4)	3,6	974	271	3,4	1.202	353
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,4	974	219	4,5	1.629	359
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,2	1.033	245	4,3	1.447	339
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,4	(9)	(9)	2,2	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,2	909	413	2,2	1.401	642
Outros	2,8	847	300	2,8	1.150	416

Arranjos Familiares	Nº médio de pessoas	Porto Alegre		Nº médio de pessoas	São Paulo	
		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita		Rendimento médio familiar	Rendimento familiar per capita
Total	3,0	1.472	484	3,3	1.720	529
Unipessoal feminina	1,0	884	884	1,0	912	912
Unipessoal masculina	1,0	1.057	1.057	1,0	1.215	1.215
Monoparental feminina (3)	3,2	1.122	356	3,3	1.209	362
Monoparental masculina (4)	3,1	1.460	476	3,2	1.684	533
Nuclear chefia feminina com filhos (5)	4,1	1.840	453	4,3	1.906	445
Nuclear chefia masculina com filhos (6)	4,0	1.732	432	4,1	2.016	489
Nuclear chefia feminina s/ filhos (7)	2,2	(9)	(9)	2,2	(9)	(9)
Nuclear chefia masculina s/ filhos (8)	2,1	1.575	743	2,1	1.854	870
Outros	2,5	1.239	500	2,6	1.536	598

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento médio familiar consiste na média de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos).<sup>2</sup> Rendimento médio familiar per capita = rendimento médio familiar / nº médio de pessoas na família. Indicadores utilizados: IPCA-BH/IPEA, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SE/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2004.

(3) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e sem a presença do cônjuge.

(4) Famílias chefiadas por homens com filhos e sem a presença do cônjuge.

(5) Famílias chefiadas por mulheres com filhos e a presença do cônjuge.

(6) Famílias chefiadas por homens com filhos e a presença do cônjuge.

(7) Famílias chefiadas por mulheres sem filhos e com a presença do cônjuge.

(8) Famílias chefiadas por homens sem filhos e com a presença do cônjuge.

(9) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Nota: 1. Com exceção dos arranjos familiares unipessoais feminina e masculina, nos demais arranjos, consideram-se as famílias com ou sem parentes.

Elaboração: própria

**Tabela 5**

**Distribuição da massa de rendimento total das famílias nucleares com filhos<sup>1</sup>, segundo tipologia de família e posição na família**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1998/1999/2000**

(em %)

		Regiões Metropolitanas				
Posição na Família		Belo Horizonte			Distrito Federal	
	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	-	-	-
Chefe	67,0	67,4	40,2	-	-	-
Cônjuge	18,6	18,3	40,2	-	-	-
Filhos	13,0	12,9	17,3	-	-	-
Filho	7,8	7,8	9,9	-	-	-
Filha	5,2	5,1	7,4	-	-	-
Demais	1,4	1,4	(2)	-	-	-

Posição na Família	Total	Recife Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Salvador Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	68,3	68,8	42,6	67,2	67,9	43,3
Cônjuge	18,5	18,1	40,3	20,6	19,9	42,2
Filhos	11,3	11,3	12,9	10,2	10,2	11,3
Filho	6,8	6,8	7,5	6,1	6,0	6,9
Filha	4,5	4,5	5,4	4,1	4,2	4,4
Demais	1,9	1,8	(2)	2,0	2,0	(2)

Posição na Família	Total	Porto Alegre Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	São Paulo Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	66,5	66,8	42,1	67,2	67,5	40,0
Cônjuge	21,2	20,9	45,6	17,7	17,4	41,9
Filhos	10,8	10,8	10,3	13,5	13,5	15,4
Filho	6,6	6,6	(2)	7,7	7,7	9,5
Filha	4,2	4,2	(2)	5,8	5,8	5,9
Demais	1,5	1,5	(2)	1,6	1,6	(2)

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento familiar total das famílias nucleares com filhos consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja a posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

Infatores utilizados: IPCA-BH/IPEA, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2004.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Nota: Consideram-se as famílias com ou sem parentes.

Elaboração: Própria

**Tabela 6**

**Distribuição da massa de rendimento total das famílias nucleares com filhos<sup>1</sup>, segundo tipologia de família e posição na família**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 2003/2004/2005**

(em %)

		Regiões Metropolitanas				
Posição na Família	Total	Belo Horizonte			Distrito Federal	
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	66,6	66,9	46,7	63,8	64,1	48,0
Cônjuge	19,7	19,4	36,1	24,7	24,4	38,4
Filhos	12,5	12,5	15,5	10,1	10,1	11,7
Filho	7,2	7,2	9,1	5,7	5,7	7,4
Filha	5,3	5,3	6,4	4,3	4,3	4,3
Demais	1,2	1,2	(2)	1,4	1,4	(2)

Posição na Família	Total	Recife			Salvador	
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	67,0	67,8	40,9	63,7	64,9	38,6
Cônjuge	19,2	18,6	42,4	22,8	21,7	43,4
Filhos	11,6	11,5	14,2	11,6	11,4	14,5
Filho	6,6	6,6	8,1	6,7	6,6	8,8
Filha	4,9	4,9	6,1	4,9	4,8	5,7
Demais	2,2	2,1	(2)	2,0	1,9	(2)

Posição na Família	Total	Porto Alegre			São Paulo	
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	63,3	63,7	41,3	64,2	64,7	41,1
Cônjuge	23,3	22,9	45,2	19,9	19,4	41,2
Filhos	11,9	11,9	10,7	14,3	14,3	15,2
Filho	7,3	7,3	7,1	8,2	8,2	8,9
Filha	4,6	4,6	3,6	6,0	6,0	6,3
Demais	1,5	1,5	(2)	1,7	1,6	(2)

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento familiar total das famílias nucleares com filhos consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Indicadores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF/IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SE/BA, ICV-DIEESE/SP. Valores em R\$ de novembro de 2005.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Elaboração: Própria

**Tabela 7**

**Distribuição da massa de rendimento total das famílias monoparentais<sup>1</sup>, segundo tipologia de família e posição na família**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 1998/1999/2000**

(em %)

		Regiões Metropolitanas				
Posição na Família		Belo Horizonte			Distrito Federal	
	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	-	-	-
Chefe	55,4	67,3	53,6	-	-	-
Filhos	39,0	28,0	40,7	-	-	-
Filho	20,6	15,5	21,4	-	-	-
Filha	18,4	12,5	19,3	-	-	-
Demais	5,6	4,7	5,7	-	-	-

		Recife				
Posição na Família	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Salvador	Chefia Feminina
					Chefia Masculina	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	54,7	65,3	53,2	59,5	71,0	57,7
Filhos	36,4	26,7	37,8	33,2	23,0	34,7
Filho	19,8	13,3	20,8	18,7	12,6	19,6
Filha	16,6	13,4	17,0	14,5	10,4	15,1
Demais	8,9	8,0	9,0	7,3	6,0	7,6

		Porto Alegre			São Paulo	
Posição na Família	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Femininaa
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	60,2	65,9	59,3	52,6	62,2	50,8
Filhos	33,0	28,0	33,9	40,6	31,2	42,3
Filho	18,0	14,8	18,6	21,3	15,5	22,4
Filha	15,0	13,2	15,3	19,3	15,7	19,9
Demais	6,8	6,1	6,8	6,8	6,6	6,9

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento familiar total das famílias monoparentais consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja a posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

Indicadores utilizados: IPCA-BH/PEAD, INPC-DF/IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2005.



**Tabela 8**

**Distribuição da massa de rendimento total das famílias monoparentais<sup>1</sup>, segundo tipologia de família e posição na família**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 2003/2004/2005**

(em %)

Posição na Família	Total	Regiões Metropolitanas				
		Belo Horizonte			Distrito Federal	
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	60,9	69,3	59,5	65,3	73,7	64,3
Filhos	33,8	25,5	35,1	30,0	22,5	30,9
Filho	17,2	12,0	18,0	15,4	10,6	16,0
Filha	16,6	13,5	17,1	14,6	11,9	15,0
Demais	5,3	(2)	5,4	4,7	(2)	4,8

Posição na Família	Total	Recife				
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	Salvador	
					Chefia Masculina	Chefia Feminina
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	58,1	67,7	56,8	60,1	70,2	58,7
Filhos	32,9	24,8	34,0	32,1	23,3	33,4
Filho	17,2	12,6	17,8	17,9	12,5	18,6
Filha	15,6	12,2	16,1	14,3	10,7	14,8
Demais	9,0	7,5	9,2	7,7	6,5	7,9

Posição na Família	Total	Porto Alegre				
		Chefia Masculina	Chefia Feminina	Total	São Paulo	
					Chefia Masculina	Chefia Femininaa
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	62,6	67,8	61,7	55,6	65,9	54,1
Filhos	30,9	26,4	31,7	38,3	29,1	39,7
Filho	17,2	15,1	17,6	20,5	17,0	21,0
Filha	13,7	11,3	14,1	17,8	12,1	18,6
Demais	6,5	5,8	6,6	6,1	(2)	6,2

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento familiar total das famílias monoparentais consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

Indicadores utilizados: IPCA-BH/YPEAD, INPC-DF/IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SE/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2005.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Elaboração: própria

Tabela 9

**Distribuição da massa de rendimento total das famílias monoparentais femininas<sup>1</sup>, segundo idade do chefe e posição na família**  
**Regiões Metropolitanas e Distrito Federal, 2003/2004/2005**

(em %)

Posição na Família	Regiões Metropolitanas							
	Total	Belo Horizonte			Total	Distrito Federal		
		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	59,5	88,2	69,9	52,7	64,3	88,9	76,2	52,9
Filhos	35,1	1,3	24,4	42,5	30,9	1,2	19,7	42,4
Filho	18,0	0,7	14,4	21,0	16,0	0,7	11,0	21,3
Filha	17,1	0,6	10,0	21,5	15,0	0,4	8,7	21,1
Demais	5,4	(2)	5,7	4,9	4,8	9,9	4,1	4,7
Posição na Família								
	Total	Recife			Total	Salvador		
		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	56,8	81,5	64,8	52,4	58,7	83,3	70,6	51,0
Filhos	34,0	3,1	25,4	38,9	33,4	2,0	22,1	41,4
Filho	17,8	2,2	14,7	19,9	18,6	1,4	13,4	22,5
Filha	16,1	0,9	10,8	19,0	14,8	0,6	8,7	18,8
Demais	9,2	(2)	9,8	8,7	7,9	(2)	7,3	7,7
Posição na Família								
	Total	Porto Alegre			Total	São Paulo		
		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais		Chefia feminina com até 34 anos	Chefia feminina entre 35 e 49 anos	Chefia feminina com 50 anos e mais
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefe	61,7	87,6	72,2	54,1	54,1	85,8	67,4	42,3
Filhos	31,7	2,0	22,1	39,2	39,7	1,8	27,0	51,8
Filho	17,6	1,4	13,5	21,1	21,0	1,2	16,1	26,4
Filha	14,1	0,6	8,6	18,1	18,6	0,6	10,9	25,4
Demais	6,6	(2)	5,7	6,7	6,2	(2)	5,6	5,9

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE/MTE-FAT e convênios regionais. PED -Pesquisa de Emprego e Desemprego

<sup>1</sup> O rendimento familiar total das famílias monoparentais femininas consiste na soma de rendimentos de aposentadoria ou pensões, do trabalho principal e adicional (só ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro-desemprego (só de desempregados e inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de 10 anos, cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

Indicadores utilizados: IPCA-BH/IPEAD, INPC-DF/IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SE/BA, ICV-DIEESE/SP.

Valores em R\$ de novembro de 2005.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Elaboração: própria